

**MARIA E ANTONIO PRETO: ESCOLHAS E SENSIBILIDADES AMOROSAS,
CAJAZEIRAS-PB, 1932**

Katiana Alencar Bernardo¹

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rosemere Olímpio de Santana²

O casamento que não vingou

Diz Jose Izidro de Souza morador no sitio Tambor deste districto que tendo chegado ao seu, conhecimento a noticia de que a filha de menor idade, de nome Maria Luzia da Conceição se achava deflorada, procurando informar-se da mesma lhe afirmara ser verdade, cujo facto havia sido praticado com fraude pelo sr. Raymundo Luiz morador no mesmo sitio Tambor, deste districto há três anos pouco mais ou menos foi ella deflorada pelo sobredito individuo e que somente agora chegou ao conhecimento do suplicante e como se trata de uma menor, vem o suplicante que seja responsabilidade de seu malfeitor [...] (PROCESSO-CRIME, n. 138 de 1932).

O relato que observamos acima se trata da abertura de uma queixa, realizada no dia primeiro de novembro de 1932, pelo senhor Jose Izidro, pai da menor Maria, que em uma delegacia da cidade de Cajazeiras-PB denunciou o senhor Raymundo Luiz, acusando-o de deflorar sua filha. O crime havia acontecido há três anos. Todavia, o pai de Maria só veio a descobrir poucos dias antes da abertura desta queixa. Aparentando estar inconformado com a desonra da sua filha, pede que a justiça puna o causador da “infelicidade” acometida pela mesma, que se encontrava desonrada. Mas antes de pensarmos as dinâmicas presentes nessa relação, pensemos algumas questões: quem era Maria? De qual forma se dá o enredo e o contexto desta história que vem a ocupar as páginas de um processo-crime de defloração no ano de 1932?

Maria nasceu na cidade Cajazeiras-PB, precisamente no ano de 1917, moradora da zona rural, teve uma vida “simples” e pobre. Analfabeta, não teve acesso a uma educação fora daquela que podia ser obtida em seio familiar. Quando Maria contava com doze anos de idade, decidindo caminhar sozinha numa certa tarde, foi ao baixio do sitio Tambor. Lá foi surpreendida por um morador da mesma localidade, o qual era próximo a ela e da sua família. De acordo com o depoimento prestado por Maria, utilizando de ameaças e palavras de sedução o homem conseguiu deflorá-la, para isto não foi preciso o uso da força, talvez por medo ou receio em reagir, movida por

¹ UFCG/CFP. E-mail: katianaalencar20@gmail.com

² UFCG/CFP/UACS. E-mail: rosemere.o.santana@hotmail.com

sentimentos de culpa, de raiva e medo, ou até mesmo por questões não relatadas por ela ao efetivar o depoimento. Raymundo pediu-a segredo e recompensou-a com um cruzeiro, que ela parece ter aceitado. O que Maria não poderia contar era que essa história viria à tona e que a partir disso teria sua vida esquadrinhada, analisada e julgada por outros.

De acordo com as testemunhas e com a versão de Maria, três anos se passaram após seu defloramento e ela continuava a manter esse segredo. Ocorre que a vida da personagem junto a sua família passa por transformações, alguns fatores os levaram a mudarem de casa e de localidade, e isso acabou interferindo e promovendo novos contatos e afinidades, ou seja, outras pessoas passaram a transitar em suas vidas.

A vida para Maria e sua família não parecia estar nada fácil, ao que podemos notar em depoimentos, pois os mesmos estavam em constante mudança de localidade por conta da ausência de empregos e de renda, em consequência disso, seu pai e sua família saíram do sítio Tambor em busca de oportunidades que possibilitassem a manutenção para a família.

Operário da construção do Açude do Boqueirão, o senhor Izidro resolveu seguir com sua família para essa obra, mas antes disso, passaram pelo sítio Catolé, local onde mantiveram estadia por um tempo. É nessa localidade que Maria viveu uma reviravolta em sua vida, tomando outros rumos e sentidos.

De acordo com depoimento do senhor Carró, a pessoa de Antonio Luis, conhecido popularmente de Antonio Preto, morador da mesma localidade, se “enamora” por uma das filhas do senhor Izidro, a qual é irmã de Maria. O relacionamento veio a tornar-se realidade, e ao que consta, desenvolve-se um noivado entre eles. Antonio Preto, ao que nos parece, desejava uma esposa, uma mulher que pudesse estar ao seu lado, compartilhando da vida e dos seus planos.

O envolvimento do casal nos parece ter sido breve, mas para Antonio seria o suficiente para desejar a irmã de Maria como esposa. Não conhecemos os interesses nem o que motivou, mas sabemos que muitas das relações travadas nesse contexto levariam em consideração alguns quesitos, por exemplo: ser um homem trabalhador e que aparentasse boas intenções eram fatores importantes ao iniciarem um envolvimento.

Entre tantas verdades ou não, Antonio Preto convida a irmã de Maria a fugir com ele, no entanto, ela não aceita. A questão que surge é: o que motivou o convite ao rapto já que o noivado parecia existir perante a família de Maria? Antonio, talvez insatisfeito diante da recusa de sua noiva, resolve propor casamento para Maria, o que

nos chama atenção e nos intriga. A sugestão é negada pela irmã, mas não por Maria, que, diante do convite, aceita se casar com Antonio e assim fugir com ele.

Após o rapto, Maria passou a morar no sítio Catolé, na casa de uma família amiga do então noivo. Segundo a dona da casa, Antonia Dirá, Antonio chegou à noite e pediu para que abrigassem a sua noiva enquanto ele conseguia dinheiro para realizar o casamento. Maria permaneceu durante três meses na casa dessa família, ao que ela afirma, sem ter nenhum contato sexual com o noivo.

É nesse intervalo de tempo que Maria adoece e tenta esconder a sua doença de todos e todas. A sua opção em ocultar os sintomas nos leva a pressupor que ela poderia imaginar que a divulgação resultaria não apenas na descoberta de alguma doença, mas também viesse a alegar a sua desvirginização. E o seu noivado, como ficaria diante dessa situação? O que poderiam dizer e falar dela? Essa ação de Maria desperta inúmeros sentidos e também sentimentos, como angústia, dor, vergonha e medo. No entanto, chegou um momento que Maria não conseguia mais esconder, pois D. Dirá já desconfiava:

[...] que sentindo ella depoente um mau cheiro que exalava a dita moça perguntou-lhe o que significava aquillo, respondeu-lhe a mesma que tinha sido com o aparecimento do estado critico com quatro dias sem ella ter tomado banho. E nessa ocasião que ella respondente aconselhou a dita moça para se receitar a um médico; Respondendo-lhe a mesma que não precisava pois Ella mesmo se tratava, mas não concordou ella depoente a troce para esta cidade [...] (PROCESSO-CRIME, n. 138 de 1932).

Assim, Maria, sem ter o que fazer e mesmo contra a sua vontade, foi levada ao médico da cidade, não encontrado de plantão e não realizando a consulta neste primeiro momento.

Diante da necessidade visualizada por D. Dirá em descobrir o que de fato Maria tinha, é ajeitada uma consulta com uma parteira “diplomada” que trabalhava pela região. Mesmo com todas as negativas de Maria, esta teve que se submeter ao exame. Maria fica em maus lençóis, seu segredo é desvendado a todos: é descoberto que ela não era mais “pura”, virgem, e para completar a sua falta de sorte, é diagnosticada pela parteira com uma doença sexualmente transmissível. Perante a divulgação de uma moral higiênica e conservadora, Maria estava “perdida”, pode-se dizer, na rua da amargura.

Mediante a sua condição, ela confessa que de fato perdeu a virgindade há algum tempo e pede para que a dona Dirá, que a acompanhou, não falasse nada para o seu

noivo. Todavia, ao saberem da condição de Maria, dona Dirá e seu marido resolvem contar tudo para Antonio Preto, que de imediato põe fim ao noivado. Maria, diante dos fatos, volta para casa deplorando. É dessa forma que se inicia o desenrolar dos autos judiciais.

Essa história permite entrar em contato com os sentimentos e as possibilidades postas ao amor e aos relacionamentos, como os agenciamentos, os desejos, as angústias, os medos, interesses e incertezas que cercavam Maria.

Problematizar o amor, os relacionamentos, os sentidos e as possibilidades de vivências a partir dessa relação são o nosso objetivo. Para pensar os sentidos apresentados nesse envolvimento é necessário que nos aproximemos desses sujeitos. As discussões nos encaminham e nos interligam ao seu contexto histórico, econômico e cultural, a exemplo dos valores e moralismos. As escolhas em muito poderiam ser construídas por interesses, por razões que estão para além do que era normatizado. São esses sentidos que buscamos visualizar para nortear a nossa discussão.

Saber a intensidade desses sentimentos e a veracidade deles não será possível. Procuramos tão somente visualizar as inúmeras facetas acionadas e agenciadas nas dinâmicas de namoros e casamentos.

A história de Maria nos direciona para algumas questões, destacando que as relações amorosas são bem mais complexas. Neste caso, existem várias possibilidades que são construídas em torno de Maria, como também em torno do amor. Assim nos questionamos: o que era necessário para iniciar uma vida a dois? Quais os sentimentos que motivaram e orientaram o rapto de Maria na indisponibilidade de sua irmã? Que critérios eram acionados e levados em consideração por Antonio e também por Maria em seus relacionamentos? Como o amor poderia ser circunscrito nessa relação? Essas são algumas questões a serem pensadas e analisadas neste trabalho.

Embora o rapto de Maria não seja o foco principal do processo-crime, esse nos guia a pensar a complexidade das relações travadas nos relacionamentos ao discutirmos as possibilidades de vivências em Cajazeiras-PB durante esse contexto. Notamos que os princípios de família estavam embasados numa rede de discursos que norteavam os relacionamentos e também o amor. Esses discursos indicavam o que seria “certo” ou “errado”, o “moral” e o “imoral”. Os sentimentos em meio a isso se reelaboravam, inclusive o amor.

O amor, como discutimos no capítulo anterior, ganhou, nos anos 20, um novo redirecionamento, tornando-se alvo de discussões. Assim, podemos nos questionar

quais eram as dinâmicas diante das relações amorosas que foram experimentadas pelos sujeitos comuns de Cajazeiras?

Entendemos que existiu uma pluralidade de razões e sentidos que podem ser levados em consideração em um envolvimento amoroso, já que temos inúmeras possibilidades de vivenciar e acionar as relações amorosas e que nem sempre estão em sincronia com o que é ditado e instituído. Assim analisamos o contexto da história buscando nos aproximar dos possíveis sentidos e sentimentos que pudessem estar presentes em meio às escolhas de Maria e Antonio Preto.

O que teria motivado o rapto já que Antonio não tinha como casar de imediato? O que o levou a raptar Maria na indisponibilidade de sua irmã? Será que existia algum impedimento por parte da família da moça? O que não parece ser o caso, já que o pai de Maria, quando recorre à justiça, nada diz sobre o rapto, apenas acusa o suposto deflorador. Não poderemos responder as vias que motivaram o rapto, para tanto, podemos nos aproximar diante do contexto e das possíveis motivações do que poderia impulsionar e desencadear este relacionamento.

Rosemere Olímpio de Santana (2013), em “*Tradições e modernidade: raptos consentidos na Paraíba (1920-1940)*”, alerta para a pluralidade de dinâmicas desenvolvidas pelos sujeitos ao acionarem as suas relações na Paraíba, assim “seria impossível traçar um cenário preciso para as histórias de amor e muito menos determinar comportamentos e sentimentos próprios a uma época” (SANTANA, 2013, p. 29).

Deste modo, definir um ideal de amor para Cajazeiras-PB não é possível, mas a partir das escolhas, dos interesses e agenciamentos presentes, poderemos estimar possibilidades, motivações e escolhas para esses personagens ao vivenciarem as suas histórias de amor. Deste modo, vamos conhecer um pouco mais sobre a vida da nossa personagem.

Cotidiano e vivência: uma possibilidade de vida a dois

Para entrar no universo no qual Maria e Antonio conduziam suas relações, tivemos que voltar ao contexto histórico dos nossos personagens. Como imaginar os sentidos, as práticas e escolhas desses indivíduos, sem antes entender o seu lugar sociocultural? Sem antes imaginar os possíveis caminhos trilhados nas suas trajetórias? Sem antes nos remetermos aos momentos que estes viviam? Não poderíamos deixar de

pensar o ano de 1932. Mas para além do tempo, o que mais nos podia remeter as possíveis sensações das suas vivências? Para isso pensamos os lugares nos quais esses personagens acionaram as suas experiências, bem como buscamos entender os seus desejos e vontades.

Mas essas informações seriam rasas e sintéticas, e por si só não respondem a muitos dos nossos questionamentos, elas precisam ser relacionadas e entrelaçadas com outras discussões ou fontes, pois não dariam conta de responder as inquietações levantadas. Deste modo, ao visualizarmos o caso, pensemos o lugar de ação, atuação e apropriação dos sujeitos envolvidos na nossa história. Maria, moradora da zona rural de Cajazeiras, de origem “simples”, filha de um operário do açude Boqueirão, resolve fugir com Antonio Preto, que também era pobre e, segundo as testemunhas, teve que ir em busca de dinheiro para formalizar o casamento após o rapto. Olhando para o processo, um fato nos chamou atenção e proporcionou outras questões que auxiliam a pensar esse momento, como as escolhas dos personagens.

Maria, como já apontamos, era filha de um operário da construção do açude de Engenheiros Ávidos (Boqueirão) – alguns textos apontam a dimensão dessa obra e a importância dela para o progresso da cidade. Para tanto, partiremos desta para nos orientarmos a pensar o cenário em que Maria estava presente. Muito embora algumas falas sinalizem para a possibilidade desta não ter chegado a viver em meio a essa construção, percebemos que a implantação do açude de Boqueirão pode ter entrelaçado as vivências de Maria e, muito possivelmente, suas decisões.

Acreditamos, entretanto, ser necessário discutir o que essa obra foi capaz de viabilizar e proporcionar a Cajazeiras-PB. Para isso faremos uma breve historicização no intuito de entendermos a importância da construção do açude para esta localidade, em seguida, retornaremos ao contexto que a nossa personagem estava vivenciando.

Eliana Rolim (2010) discute a amplitude dessa obra e a importância desta para cidade de Cajazeiras. Iniciada no ano de 1920, trouxe diversas possibilidades diante do processo modernizador que Cajazeiras se inseria: os novos aparatos, a pluralidade de princípios circulantes nesse espaço com a adentrada de diversos grupos que afluíram a cidade em decorrência dos empregos gerados. Mobilizando nessas circunstâncias uma população que padecia de fome, vivia uma constante seca que afligia a Paraíba. Vejamos o que a autora afirma sobre isso:

Na década de 1920, Cajazeiras recebeu o primeiro conjunto de serviços empreendidos pelo IFOCS³, dentre os quais a construção de grandes reservatórios de água e a abertura e melhoria de estradas de rodagem foram os mais executados. Essas obras tiveram grande respaldo no cotidiano local, movimentando a cidade em suas esferas política, social, econômica e cultural. A construção do Açude de Engenheiro Ávidos, por exemplo, atraiu trabalhadores de várias localidades do Nordeste, o que proporcionou um aumento populacional e também gerou emprego e renda para a cidade (ROLIM, 2010, p. 69).

Vejamos melhor a grandiosidade e a importância dessa obra a partir da fala de um memorialista da cidade. De acordo com Costa (2013), os aparatos que adentraram Cajazeiras em meio a construção desse açude foram proporcionados pela empresa americana Dwight. P. Robinson, que foi contratada na época porque detinha engenheiros e técnicos preparados e uma aparelhagem tecnológica necessária, a qual o Brasil não tinha. Dando destaque aos americanos, que consigo trouxeram modos de viver, costumes e hábitos, os carros portados por esses, são demonstrados pelo autor como a novidade de Cajazeiras:

Era tudo novidade para os matutos e para os cidadãos da modorrenta Cajazeiras, aquele vaivém de autos e caminhões dos gringos. Suas esposas e amantes a fazerem feiras e a comprar tudo que vissem e gostassem, nas lojas e mercados de Cajazeiras (COSTA, 2013, p. 40).

Ainda de acordo com Costa (2013), estas mudanças foram capazes de inserir em Cajazeiras ideais de “civilização”, tendo em vista que esses introduziram alguns ícones do progresso. Mas atrelado a esse suposto progresso, os moradores da cidade também acusavam os americanos de promover a indecência, já que foram construídas casas de prostituição em torno da construção do açude.

Ainda de acordo com Costa (2013), essa obra também foi palco de romances, brigas e traições. Uma delas trata-se de uma briga de amor que aconteceu nessa construção, na qual um dos americanos se envolve com uma companheira de um dos construtores da obra, gerando nesse enredo uma briga que finda com a morte de um dos americanos:

O americano John Hanifflin, já namorando uma brasileira, amiga e companheira de um mestre de obras, brasileiro, cujo nome me falha a memória, depois de uma cervejada pesada em uma bodega de

³ Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas.

acampamento de Boqueirão de Piranhas, se desafiaram para um duelo, imitando aquelas lutas a que assistimos no primeiro cinema mudo de Cajazeiras [...] em tarde quente foram se matar um ao outro, na disputa de suas intrigas de amor pela brasileira que simpatizava os dois. Foi briga de morte, oito tiros de revólver e John Hanifflin foi morto (COSTA, 2013, p. 42).

A incorporação deste açude na entrada do século XX proporcionou uma pulsante transformação na então modesta cidade de Cajazeiras, também refletindo na injeção de novos sentidos e vivências. Para o autor, os norte-americanos introduziram tecnologias, trouxeram novos costumes e também valores. Este encontro de valores e de culturas, no entanto, poderia ser por vezes harmônico e também conflituoso, pois eram hábitos e culturas que se confrontavam dia-a-dia.

Pelo que nos parece, não era algo incomum casos de relacionamentos extraconjugais, como o que nos é apresentado acima, parecia ser público o fato dos americanos terem amantes.

Mas vamos trazer a discussão dessa obra ao contexto que Maria estava vivendo. Costa (2013), em seu livro, retorna ao ano de 1932 e discute o contexto em que os cajazeirenses estavam inseridos. No início desse ano, os nordestinos sofreram os efeitos de uma forte seca, em especial os mais pobres, que sofriam e sentiam os efeitos de forma mais intensa. Tendo em vista que em decorrência das poucas chuvas que caíam sobre o sertão, muitos moradores chegaram a passar fome.

É nesse momento de bastante dificuldade que Cajazeiras recebe novamente as obras do açude de Boqueirão, já que estas se encontravam paradas desde 1924 em decorrência de chuvas que afetaram a região e atrapalharam a continuação da construção. Essas retornam, contudo, em vista da grande necessidade que se tinha por conta da seca, agora não mais com a assistência dos norte-americanos, mas sobre a responsabilidade de uma empresa brasileira, que nesse período já tinha tecnologias favoráveis para a construção do açude (COSTA, 2013, p.142).

É em meio a essa conjuntura de fome e miséria que Maria e sua família seguiam para as obras do açude do Boqueirão, talvez na esperança de dias melhores, de condições mais favoráveis às suas vidas.

Essa obra, depois de restabelecida, foi responsável por mobilizar muitos trabalhadores que durante a estiagem visualizaram nela uma oportunidade de emprego e geração de renda. Nesse espaço se teve pessoas de diversos lugares, com situações de

vidas diferentes e com alguns valores que em muito poderiam divergir. Não seria nada simples viver em meio a essa obra.

Como essa construção pode nos ajudar a pensar o romance de Maria e Antonio Preto? Como podemos relacionar a ela a vida amorosa desse casal? O senhor Izidro, pai de Maria, segundo a fala do senhor Corró, seguia trajeto para essa obra, levando consigo a sua família, mas é nesse mesmo período que Antonio Preto se interessa por uma das filhas de Izidro e inicia um romance:

[...] que o pai da offendida Maria Lusía da Conceição trabalhava como operário nos serviços da rodagem, e, após a com alusão do serviços viera morar nesta cidade daqui seguiu com a família para o trabalhar no açude boqueirão [...] que durante a estadia da offendida em catolé apareceu um casamento com uma irmã da mesma, cujo noivo era Antonio Luis conhecido por Antonio Prêto, casamento este que deixou de se realizar porque a sua filha não quiz fugir; então Antonio preto declarou que em vista da dita moça deixar de querer se casar com outra irmã de sua noiva [...] pois esta não fazia questão fugir com o mesmo foi assim que ele a raptou (PROCESSO-CRIME, n. 138 de 1932).

Algumas suposições são assim levantadas: seria possível que o relacionamento e a proposta de rapto tenham ocorrido após o mesmo saber que o senhor Izidro iria embora para a construção do Boqueirão e levaria com ele as suas filhas? Antonio Preto, muito provavelmente, poderia ter notado nas filhas do senhor Izidro algo que despertasse o seu interesse, talvez dentre os valores essas aparentassem serem “boas esposas”. Também podemos acreditar que Antonio Preto estava em busca de algo mais sério, já que após o rapto este seguiu em busca de dinheiro para formalizar a união.

Entre tantas suposições, podemos notar que o amor romântico também não foi um fator preponderante nessa relação. Ao pensarmos o contexto no qual Maria estava inserida, podemos também fazer suposições e analisar as possíveis estratégias e interesses que faziam com que ela aceitasse o relacionamento com Antonio Preto após sua irmã ter negado.

A falta de estabilidade que ela e a família poderiam estar enfrentando, diante das constantes mudanças gestadas com a escassez que uma seca provocava, Maria poderia acreditar que o caminho menos duro seria encontrar um esposo, pois embora Antonio Preto fosse pobre, ele poderia lhe transmitir segurança e um casamento, desejo disseminado para as mulheres da época. Maria também poderia ter se encantado pelo namorado de sua irmã, sem falar que não ser virgem dentro dessa sociedade e dos

valores morais pregados poderia não ser nada fácil, a proposta de rapto aparecera para Maria como uma maneira possível de compartilhar valores com os quais não seria possível se conhecessem o seu desvirginamento.

Podemos assim também imaginar que Maria acreditasse que um casamento poderia tornar sua vida mais estável, um casamento que lhe garantisse uma casa e uma família. Assim como também poderia ser o desejo de Antonio formar uma família, ter uma esposa que pudesse cuidar da sua casa e também da sua vida. Até porque este era um ideal de família que circulava, ou seja, ele podia estar em busca de uma mulher que se dedicasse ao lar e ao esposo. Os sentidos eram erigidos em meio aos valores e normas sociais, embora algumas práticas acionadas por estes não corroborassem com o ideal de relação, baseados na moralidade burguesa.

Diante dessas possibilidades, pensemos as dimensões das relações amorosas vivenciadas por esse casal. Para Maria, fugir com o ex-noivo da irmã não parecia ser algo que a envergonhasse e nem causasse espanto aos demais que testemunharam, pois em nenhum dos depoimentos encontramos questionamentos a essa conduta. O que nos pode levar a acreditar que não era algo tão anormal, diante das relações que podiam ser estabelecidas.

Antonio preto e Maria, ao que consta, não viveram uma relação bem vista pelos códigos morais defendidos na época, o rapto aliado ao envolvimento com o ex-noivo da irmã não era aceito, pois os valores pregavam outras condutas.

De acordo com os preceitos morais burgueses o namoro conveniente e 'direito' era aquele cheio de regras, caracterizado no recato, respeito à moça e descrição nos movimentos. Além disso, o tempo devia ser observado, não devendo ser muito curto, pois precisava-se de um período mínimo para se conhecer o caráter e as intenções dos pretendentes e para 'arranjar a vida'. Também não era aconselhado, nos manuais de educação para o casamento, um tempo muito longo, pois poderia favorecer intimidades inconvenientes e possibilitar o sexo antes do matrimônio, prática não prescrita pela medicina assim como outros discursos moralizantes (CAVALCANTI, 2000, p. 18).

A praticidade presente nessa história proporciona compreender o quanto esses relacionamentos poderiam ser múltiplos e dinâmicos. Muitas vezes segurança, companheirismo, afeto e amizade eram quesitos suficientes para uma relação a dois, que impulsionava relacionamentos para além do romantismo. O amor poderia ser circunscrito em outros modos e razões. Nessa história, entretanto, as escolhas e conveniências estão entrelaçadas às vantagens tanto para Maria como para Antonio

Preto. Imaginemos que Maria desejasse um casamento assim como Antonio Preto, e que essa relação não necessariamente viesse imbricada pelo romantismo, mas possivelmente numa relação que propiciasse a ambos a constituição de uma família.

Mas como pensar o rapto em meio a essa relação? Geralmente essa prática é acionada como um artifício. Foi utilizado por Antonio para concretizar o casamento e pode ser discutido como um meio possível que muitos casais se utilizavam para viverem suas relações.

As experiências de raptos consentidos mostram um campo de disputas de uma multiplicidade de costumes que orientam as decisões e escolhas sobre vínculos de amor. Diante de impedimentos a sua consecução, os raptos desafiam situações sociais e jurídicas bastante diversas e adversas, sujeitando-se a penalidades previstas em códigos legais e sociais (SANTANA, 2013, p. 12).

Embora nos autos do processo não conste a versão de Antonio Preto sobre o seu relacionamento com Maria e as possíveis expectativas visualizadas e desejadas por ele a respeito dessa relação, podemos perceber pela fala das testemunhas que não existia impedimento que motivasse o rapto, o mesmo nota-se na fala do pai de Maria, uma vez que em nenhum momento o senhor Izidro deixa transparecer rancor ou até mesmo insatisfação com a conduta do rapto de sua filha, não chegando a sequer citar o rapto.

Talvez o rapto, como apontamos, tenha sido apenas um meio de retirar Maria de casa, pois a família do senhor Izidro iria para o Boqueirão e ter feito acordo com o pai da menor com a condição de colocá-la em um lar de confiança enquanto o casamento não se concretizasse. Assim afirma o senhor Corró:

Maria Luiza foi raptada por Antonio Luis vulgo Antonio prêto e depositada em casa de João Laurentino morador nesta cidade. Que o casamento da offendida com Antonio Luis era para ser feito em agosto mas que devido as dificuldades dos tempos ficou para realizar-se em setembro e ultimamente no mez de outubro (PROCESSO-CRIME, n. 138 de 1932).

Se esse foi ou não o motivo, não podemos saber. Para tanto, pensar como as relações amorosas se constituem em meio a escolhas, práticas e condutas nos aproximam também das maneiras como homens e mulheres agenciavam os seus papeis sociais em meio a essas dinâmicas e sociabilidades.

O sentir em meio às relações de gênero

No decorrer dessa análise percebemos que as relações de gênero estão sendo tecidas o tempo todo. Ao falar das maneiras utilizadas pelos sujeitos para vivenciarem os seus relacionamentos amorosos, conseguimos visualizar condutas, imagens, discursos e valores morais sendo disseminados e ditando comportamentos e condutas.

A partir disso, vamos discutir e apresentar os discursos presentes nos relacionamentos que determinaram diversas formas de vivenciar as identidades de gênero, pensando como Antonio e Maria conduziram os seus papéis no decorrer do relacionamento. Deste modo, qual seria o ideal de relação presumível e aceitável?

Maria, aos doze anos de idade, foi desvirginada. Perante a justiça e a moral ela era uma mulher corrompida, sua pureza e valor foram retirados, não ser virgem fez com que ela fosse esquadrihada pela sociedade, abandonada pelo seu noivo e devolvida à família. No decorrer do processo não existe uma preocupação em como Maria estava se sentindo. Se ela foi de fato violentada e se isso teria causado traumas ou não. Não existe a preocupação em pensar no deflorador como um homem que causou sofrimento, afinal ela tinha apenas 12 anos. Essa preocupação que nos permeia hoje certamente não foi a que permeou as pessoas naquele período.

Maria provavelmente conhecia os discursos sobre ser uma mulher honesta diante do contexto que vivia, para tanto, elaborou dinâmicas e vivências que pudessem fazer com que ela se aproximasse dos valores difundidos, escondeu o seu desvirginamento e buscou meios para viabilizar e compartilhar valores como o casamento. Ocorre que após descoberto a falta da virgindade, fez com que Antonio Preto desistisse do casamento com Maria e levasse seu pai a recorrer a justiça para que o deflorador fosse incriminado.

Antonio Preto não deu prosseguimento ao casamento, pois todos estariam sabendo da condição da sua futura esposa e dentro daqueles valores isso poderia ferir a vaidade masculina. O que significava, neste sentido, para um homem, perante a sociedade, casar com uma mulher considerada desonrada? Sua masculinidade e sua honra seriam feridas, uma vez que seria acusado de constituir um lar já corrompido. Nestas circunstâncias, ser homem e ser mulher estava atrelado a esses papéis sociais disseminados por discursos que colocam a mulher ora como inconsciente, submissa, ora devassa e destruidora de valores. Essas ambiguidades não dão conta da amplitude das identidades.

Os sentidos traçados por esse casal nos aproximam desses papéis sociais, ser mulher honesta estava atrelado a virgindade, a inocência sexual, assim como ser um bom homem podia estar correlacionado ao seu trabalho, a manutenção de uma virilidade. Louro (1997) concebe que é possível pensar as identidades de gênero como continuamente se construindo e se transformando. Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjanado e desarranjanado seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo.

As relações amorosas se inserem em lógicas e dinâmicas próprias e circunscritas a uma realidade sociocultural e econômica, cada caso pode assim nos revelar uma infinidade de sociabilidades de interesses, de códigos, normas, práticas e vivências que mobilizam ações e reações, pensá-las em suas particularidades nos faz perceber que embora o contexto fosse o mesmo e as vivências fossem parecidas, cada sujeito mobilizava meios distintos de sentir.

No decorrer dessa análise, procuramos nos ater aos sentidos presentes em meio a um relacionamento amoroso recheado de conflitos, condutas, racionalidades, mecanismos, escolhas, astúcias e práticas, na tentativa de aproximar dos possíveis sentimentos vivenciados por um casal ao desenvolver suas condutas amorosas. Como aponta Arlette Farge (2015), empreender um estudo dos mecanismos de racionalidades que faziam nascer sofrimentos e prazeres. O caso que analisamos é bastante singular, pois aponta para alternativas que empreendem medos, desejos, angústias, tristezas e razões.

Não se trata aqui de tornar a mulher heroína ou vítima dos homens, mas de pensar que na prática era necessário aprender a jogar com o que se dispunha ou com o que era possível dispor, o que também não significava o fim dos sonhos e das expectativas de homens e mulheres apaixonados.

Deste modo, podemos constatar e empreender uma discussão que nos possibilita entender que

As formas como são experienciados os sentimentos amorosos estão intrinsecamente ligados aos contextos, histórico, político, econômico, que mesmo não sendo os únicos fatores a ordenar o amor ainda assim guardam traços de valor para a construção de uma sensibilidade da época (RODRIGUES, 2014, p. 38).

Não estamos admitindo, nem determinando que esses fatores sejam os únicos a gerenciarem esses relacionamentos, que o amor não possa se desenvolver em meio a outras circunstâncias, em meio a outros modos de sentir, mas esses polos exercem uma grande força em meio aos sentimentos e sentidos desenvolvidos pelos sujeitos. O amor se desenvolve por meio das diversas dinâmicas, fabricações e práticas, silenciadas e ocultas. Como afirma Jurandir Freire Costa (1998), o amor desenvolve mecanismos de racionalidades próprias. Assim ele afirma:

A prática amorosa desmente radicalmente a idealização. Amamos com sentimentos, mas também com razões e julgamentos. A racionalidade está tão presente no ato do amor quanto as mais impetuosas paixões. Amor é deixar-se levar pelo impulso passional incoercível, mas sabendo ‘quem’ ou ‘o que’ pode e deve ser eleito como objeto de amor. A imagem do amor transgressor e livre de amarras é uma peça do ideário romântico destinada a ocultar a evidência de que os amantes, socialmente falando, são na maioria sensatos, obedientes, conformistas e conservadores. Sentimo-nos atraídos sexual e afetivamente por certas pessoas, mas raras as vezes essa atração contraria os gostos ou preconceitos de classe ‘raça’, ‘religião’ ou posição econômico-social que limitam o rol dos que ‘merecem ser amados’. Na retórica do romantismo, o amor é fiel apenas a sua própria espontaneidade. A realidade social e psicológica dos sujeitos diz outra coisa, o amor é seletivo como qualquer outra emoção presente em códigos de interação e vinculação interpessoais (COSTA, 1998, p. 17).

Por essa razão apontamos nessa análise possibilidades agenciadas e desenvolvidas para o sentir e experienciar as relações amorosas. Apresentando as probabilidades e estimativas possíveis, através das práticas e condutas desenvolvidas por Maria e Antonio para o amor, e os modos como agenciam as razões e o sentir, que circunscreviam as suas atitudes diante do relacionamento. Por isso, notamos que dentre uma moral que instituíra um ideal de relação de amor, que erigia condutas e práticas, existem outros mecanismos desenvolvidos pelos sujeitos comuns para vivenciar os seus relacionamentos, mas que não simbolizam um rompimento com o que se instituíra – embora as operacionalizações e os meios utilizados para efetuarem o relacionamento fossem distintos, eles não deixavam de querer e de compartilhar normas e condutas. O amor aqui discutido é recheado de racionalidades, produzindo condutas e regras.

FONTES

Processo-crime por Defloração nº138, Ano 1932 - Cajazeiras/PB.

REFERÊNCIAS

- CAVALCANTI, Silêde Leila Oliveira. **Mulheres modernas, mulheres tuteladas: o discurso jurídico e a moralização dos costumes em Campina Grande (1930 - 1950)**. 2000. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal de Pernambuco, 2000.
- COSTA, Antonio Assis. **A(s) Cajazeiras que eu vi e onde vivi**. 3. ed. João Pessoa: Revista ilustrada, 2013.
- COSTA, Jurandir, Freire. **Sem Fraude nem Favor**. Estudo sobre amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- FARGE, Arlette. **Lugares para a História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- ROLIM, Eliana de Souza. **Patrimônio arquitetônico de Cajazeiras - PB: memória, políticas públicas e educação patrimonial**. 2010. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.
- SANTANA, Rosemere Olímpio de. **Tradições e modernidade: raptos consentidos na Paraíba (1920 - 1940)**. 2013. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2013.